

tecnologia

Até onde devemos ir?



Danielle Lourenço*



A multitarefa nos dá energia
e traz fertilidade ao pensamento

Li uma entrevista com o economista americano Tyler Cowen, que alardeia: “Receba a nova era de braços abertos e *mouse* a postos”, considerando, entre outras coisas, que a habilidade de se realizarem várias tarefas ao mesmo tempo é a oitava maravilha do mundo.

O economista - que se orgulha de não conhecer os vizinhos e ter amigos virtuais espalhados pelo mundo - afirma que todos somos multitarefeiros e que os adolescentes devem “tuitar” durante as aulas. Segundo ele, o problema não é o excesso de informação, e sim a falta de filtros (pessoais) eficientes.

Como eu queria conversar com ele pessoalmente e contar como vejo as coisas!

Cowen é professor de universidade e tem uma filha de 19 anos. Logo, não vive o desafio de educar crianças e adolescentes nesta roda de fogo, uma vez que seus alunos e filha são adultos. Só esse fato em si mostra que suas considerações podem fazer sentido no mundo dos “grandes”, mas no dos “pequenos”... “*no mucho*”.

Percebo que temos uma habilidade multitarefa, sim. Tanto “grandes” quanto “pequenos”. Consigo dirigir, falar ao celular e escutar música. Consigo escrever, ouvir música e conversar com meu filho.

Sim, eu CONSIGO, mas questiono: qual é a qualidade da execução dessas tarefas? Já está mais do que provado que falar ao celular enquanto dirigimos diminui o nosso foco de atenção no trânsito, e muito. Se escrevo con-

versando com meu filho, ou uma coisa ou outra não sai bem feita.

Mas vamos considerar que eu estou velha. Os alunos, na flor da idade, estão desenvolvendo essa habilidade de modo inato, enquanto eu, aprendi.

Entretanto, qual é o limite do cérebro para essas multitarefas? Até que ponto, efetivamente, realizamos as tarefas simultâneas de modo satisfatório, produtivo, com qualidade?

Falemos com pais e educadores e ouviremos que os alunos apresentam um déficit de atenção e concentração muito grande, têm conhecimentos superficiais, são impacientes...

“Tuitar” em sala de aula... O uso de qualquer recurso tecnológico contemporâneo é muito produtivo e importante, desde que faça parte do planejamento do professor e que pertença ao cotidiano escolar, objetivando oportunizar um aprendizado significativo. Usar web, Twitter, MSN, em sala de aula ou na escola, para comentar o seriado de televisão ou a última “novi” da turma, é jogar tempo no lixo. Isso pode (e deve) ser feito em casa.

E como orientar essa turma toda a desenvolver filtros para seleção de conteúdos na web, se a própria não tem filtros eficientes? O desenvolvimento desta capacidade de seleção do certo X errado, bom X ruim na internet é processual e contínua, não existe

Nem tudo que reluz é ouro, nem todas as tecnologias contemporâneas são válidas. Use-as com moderação (e reflexão).

Logo, até que ponto devemos estimular e valorizar essa habilidade?

Outro ponto: qual é a validade de ter amigos virtuais espalhados pelo mundo se não conhecemos quem mora ao lado da nossa casa?

Uma das principais habilidades a ser desenvolvida na escola, com vistas à formação integral do indivíduo, é a habilidade interpessoal, a capacidade de trabalhar em equipe, a percepção do outro... Como será esta juventude que está sendo estimulada a ter um amigo em cada país, mas que não cumprimenta o colega do lado, não dialoga, não troca, não aprende com o outro, não ouve?

pílula de pirlimpimpim para medicarmos os nossos jovens.

E enquanto essa semente vai germinando, muita água vai rolando embaixo da ponte, e eles, os alunos, deparam com toda sorte de conteúdo e de gente. Enfim, parece-me que visões extremamente positivistas devem ser, no mínimo, analisadas e debatidas. Nem tudo que reluz é ouro, nem todas as tecnologias contemporâneas são válidas. Use-as com moderação (e reflexão). ■

*Especialista em Tecnologia Responsável

dani@daniellelourengo.com.br